

## A pressa e a relação com o tempo na experiência psicanalítica

Rosângela Vernizi<sup>1</sup>

### A pressa, essa nossa conhecida

O tempo tem sido percebido pelos sujeitos como um inimigo implacável, não somente pelo fato de ser contínuo e fatalmente conduzir à morte, mas por se apresentar mesquinho e pouco eficaz: não se multiplica, as fórmulas para “ganhar tempo” não resolvem a equação de dias lotados e a conta não fecha.

Vidas são contabilizadas em minuciosos balancetes que com precisão evidenciam o desanimador e previsível resultado de que “se perdeu tempo”. Embora não se possa por métodos quantitativos usurpá-lo de quem quer que seja, o tempo vem sendo confiscado das pessoas: “*não tenho tempo para nada*”.

Esse “tempo roubado” é correlato à pressa e à rapidez em nosso modo de viver. A tão apregoada certeza de que, em nossa época atual, o tempo está acelerado é controversa: há uma percepção de que o tempo está mais acelerado, percepção esta calcada na sensação de que o tempo foge, se esquia das experiências humanas.

---

<sup>1</sup> **Rosângela Vernizi:** Psicanalista, Mestre em Letras - Estudos Literários pela UFPR. Analista Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba, pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPR. É professora supervisora clínica na Pós-graduação em Psicologia Clínica - Psicanálise na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), professora Pós-graduação em Clínica Psicanalítica na Faculdade Guilherme Guimbala (ACE-Joinville). Organizadora do livro *Os psiquiatras do século XIX: suas contribuições na clínica psicanalítica da atualidade*, lançado pela Editora CRV em 2016, e do livro *Psicanalistas do século XX* lançado pela Aller Editora em 2019. Contato: rosangelanv@hotmail.com

Muitos filósofos, físicos e religiosos se ocuparam do problema do tempo, ainda assim não há uma única concepção – nem tampouco um conjunto de várias concepções e investigações – que dê conta de sistematizar um conceito unificado do tempo, bem como também não é possível uma concepção que justifique a sensação atual de que vivemos tempos acelerados, a não ser quando se observa que a relação das pessoas com o tempo tem mudado.

Partindo da experiência clínica, é importante uma investigação da posição destes sujeitos diante de seus sofrimentos, pois embora não admitam que seus mal-estares são sofrimentos, eles não negam os sintomas. Assim, um percurso sobre a teoria do tempo enquanto uma experiência vivida numa relação com o laço social, bem como sobre a conceitualização de tempo nas concepções de Freud e Lacan e na direção de tratamento da clínica psicanalítica, se faz necessário para investigar o problema levantado.

### **O tempo na experiência psicanalítica**

As antigas teorias acerca do tempo (Mora, 2004) podem ser divididas em dois grandes grupos: as dos absolutistas, que concebiam que o tempo é uma realidade completa em si mesma, e as dos relacionistas, que consideravam que o tempo não é uma realidade por si mesma, mas uma relação, ou seja, só pode ser concebido a partir de um ato intelectual em que se considera dois ou mais objetos de pensamento.

Na clínica, o tempo sempre foi percebido como a expressão de uma relação, pois a experiência entre temporalidade e mal-estar sempre foi observada por clínicos desde a antiguidade. Em toda prática clínica é adotado o procedimento de questionar e observar o paciente quanto à sua orientação no tempo, e as desorientações temporais, sobretudo as relacionadas à cronologia e ao espaço-tempo, dão indícios do estado patológico do paciente. De fato, desorientações quanto ao tempo cronológico ocorrem em algumas patologias, porém essa relação com o tempo, que provoca um

mal-estar difuso, marcada pela perda e usurpação de si, diz de uma relação primeiramente vinculada ao vivido, ao modo como o tempo é vivido como uma experiência subjetiva.

Esse “tempo experiência” não é um tempo marcado pela cronologia, nem tampouco totalmente incomensurável; essa percepção do tempo é mensurada pelo modo como este é sentido, a emoção que tal experiência produz no sujeito. Eugène Minkowski<sup>2</sup>, um psiquiatra francês que dedicou boa parte de suas pesquisas estudando questões filosóficas sobre o tempo, percebeu em seu trabalho clínico a relação intrínseca entre a experiência temporal e o modo como pacientes acometidos por distúrbios psíquicos verbalizavam seu sofrimento. Em sua obra *Le temps vécu* (1933), afirma que “a personalidade humana se situa em relação ao tempo e ao espaço<sup>3</sup> graças a seus sentimentos e suas emoções”<sup>4</sup> (Minkowski, 2013, tradução livre). Para Minkowski, a relação do sujeito com o tempo é um fenômeno essencial da vida humana:

às vezes, no sentido comum da expressão, estamos desorientados no tempo, mas protestaríamos seriamente se alguém dissesse que somos seres ‘sem tempo’, se usássemos nos exprimir assim; ao contrário, todo nosso sofrimento, excluindo a devastação semeada pela morte, vem do tempo; . . . nem a ideia do tempo mensurável dentro do domínio normal, nem a noção de desorientação no tempo no domínio patológico podem esgotar o fenômeno do tempo vivido.<sup>5</sup> (Minkowski, 2013, p. 12 e 13, tradução livre).

---

<sup>2</sup> Eugène Minkowski (1885 - 1972) foi um psiquiatra francês conhecido por incorporar a fenomenologia à psicopatologia. Segundo Lacan, embora Minkowski conhecesse bem os estudos sobre fenomenologia definidos por Husserl como sendo “a descrição do domínio neutro do vivido e das essências que aí se apresentam”, (Lacan, 1987) em sua clínica e em seus estudos em psicopatologia *Le temps vécu* (1933) e *Traité de Psychopathologie* (1966), Minkowski transforma a noção de fenomenologia em psicopatologia, demonstrando considerar as desorientações temporais concernentes às emoções e sentimentos sofridos por seus pacientes, não somente como dados fenomenológicos observáveis, mas fundamentais na constituição subjetiva.

<sup>3</sup> Minkowski foi também um sério estudioso de Bergson e seus trabalhos sobre o tempo-duração. Para Bergson, “duração é o nome dado ao tempo real, e mostra que a definição de tempo com a qual se ocupa a inteligência aparece como mera repetição do espaço e que, por isso mesmo, não alcançaria o estatuto de descrição precisa da sucessão. Em outros termos: o tempo que nós vivemos, o qual constitui o fundamento originário de nossa experiência, é apagado pela sua tradução em uma linguagem espacial e, por fim, desvanece como ‘objeto’”(Vieira, 2012).

<sup>4</sup> . . . la personnalité humaine se situe par rapport au temps et à l’espace à l’aide de ses sentiments et de ses émotions.

<sup>5</sup> désorientés dans le temps, au sens courant du mot, nous l’étions parfois, mais nous nous serions récriés, si quelqu’un avait dit que nous étions des êtres ‘sans temps’ si nous osons nous exprimer ainsi, au contraire, toutes nos souffrances, en dehors de ravages semés par la mort, venaient du temps; Ni l’idée du temps mesurable, dans le domaine du pathologique, ne pouvaient épuiser le phénomène du temps vécu.

Lacan concorda com Minkowski quando afirma em sua tese de doutorado (Lacan, 1987) o modo brilhante com que este transforma profundamente o método clínico de interpretação dos fenômenos mentais ao intuir a influência do tempo vivido relacionado ao “contato com o mundo e os seres” (Lacan, 1987). Ou seja, o “fenômeno do tempo vivido”, tal qual enfatiza Minkowski, é a percepção temporal vivenciada pelo sujeito em sua relação ao laço social.

Minkowski percebeu então, em seus estudos, que tanto o sujeito que está “orientado” no tempo, quanto o paciente que demonstra uma desorientação temporal, ambos são afetados pelo fenômeno do tempo vivido, ou seja, pelo sentimento subjetivo que despertou uma experiência. Para enfatizar essa observação, relata um episódio entre ele próprio e seu filho de seis anos, quando pelas manhãs acompanhava o menino à escola. Pai e filho tomavam café da manhã juntos, depois o pai fumava um cigarro e em seguida saíam. Um dia em que acordou mais tarde, disse ao filho que se apressasse senão chegariam atrasados à escola, e o menino respondeu que não poderiam estar atrasados, pois o pai ainda não tinha fumado seu cigarro<sup>6</sup> (Minkowski, 2013).

Não somente a sequência dos fatos era importante para que o menino se orientasse no tempo, mas que a pressa não suprimisse nenhum acontecimento e, por conseguinte, alterasse a experiência e principalmente o laço que essa experiência representa, embora o ato suprimido fosse atuado somente pelo pai.

Tanto Minkowski quanto Lacan – dentre outros psiquiatras do início do século XX como Breuler e Blondel – notaram que, em certos distúrbios patológicos, mesmo uma ideia de tempo duração relatada como rememoração era afetada pela percepção, transformando-se em imagem-recordação subordinada a “regulações psíquicas delicadíssimas”. Assim, “compreendem não somente a coordenação associativa das imagens”, dos acontecimentos, mas, além disso, repousam essencialmente sobre certas

---

<sup>6</sup> “Mais, papa, me dit mon fils, nous ne pouvons pa être en retard, tu n’as pas encore fumé ta cigarette”.

“intuições temporais”, “sentimentos do tempo” (Lacan, 1987). Segundo Lacan, esses “sentimentos do tempo” se aliam aos sentimentos de familiaridade e de realidade e expressam a apreensão subjetiva do tempo e sua relação com o laço social.

O processo de constituição subjetiva é marcado pela linguagem, e é resultado de uma série de operações psíquicas. Freud em seu artigo *O Inconsciente* (1915) afirma que “os processos do sistema inconsciente são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo” (Freud, 1915/1996, p. 192). Em 1920, em seu artigo *Mais além do princípio do prazer*, Freud reafirma a proposição de 1915:

Aprendemos que os processos mentais inconscientes são, em si mesmos, “intemporais”. Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhe pode ser aplicada. (Freud, 1920/1996, p. 39).

Lacan, no Seminário *Os escritos técnicos de Freud* (1954) destaca que o progresso de Freud foi elevar a escuta clínica à singularidade, ou seja, a essência da clínica psicanalítica é a história do sujeito, o que convoca a rememoração de um tempo:

O caminho da restituição da história do sujeito toma a forma de uma procura da restituição do passado. (Lacan, 2009, p. 22).

Encontramo-nos aqui no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. É e não é verdade. Ele se coloca fora do tempo exatamente como o conceito<sup>7</sup>, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. Não se trata de outra coisa no automatismo de repetição. (Lacan, 2009, p. 315).

---

<sup>7</sup> Lembrem-se do que Hegel diz do conceito: *O conceito, é o tempo da coisa*. Certo, o conceito não é a coisa no que ela é, pela simples razão de que o conceito está sempre onde a coisa não está, ele chega para substituir a coisa, como o elefante que fiz entrar outro dia na sala por intermédio da palavra *elefante*. Se isso chocou tanto alguns de vocês, e que era evidente que o elefante estava aí a partir do momento em que o nomeamos. O que é que pode estar aí, da coisa? Não é nem sua forma, nem sua realidade, porque, no atual, todos os lugares estão tornados. Hegel diz isso com grande rigor – o conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando (Lacan, 1954).

A restituição do passado, ou seja, a rememoração e a associação livre conferem à psicanálise seu estatuto em privilegiar a singularidade do sujeito, porém somente o “recordar livremente” comporta um limite. Em relação à temporalidade inconsciente, há um enlace entre rememoração como restituição de um tempo passado e a repetição, pois de uma a outra não há orientação temporal nem reversibilidade, uma vez que não há uma lógica de direcionamento permutável em que uma leve a outra na direção do tratamento. No entanto, a relação da restituição do passado com a repetição “nos indica que a função-tempo é aqui de ordem lógica, e ligada a uma colocação do real em forma significante” (Lacan, 1998, p. 43).

Em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* (1945), Lacan propõe um sofisma em três possibilidades de tempo articuladas à lógica para propor uma determinação essencial na subjetividade: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. Estas possibilidades são a base do movimento do tempo lógico, tempo este que ninguém atinge senão “pelo contato com o mundo e os seres” (Lacan, 1987), ou seja, na relação com os outros e com o Outro. Na lógica proposta, a subjetividade se dá numa asserção antecipada, em que é imprescindível uma certa “hesitação” que conduz a um “tempo de parada” para olhar, para compreender e para então concluir.

O fato intrínseco à ambiguidade lógica não é a espacialidade, ou seja, não se dá na experiência da verificação de uma hipótese, pois uma “verificação na espacialidade”, pelo “ver”, seria embasar a solução do processo lógico a um elemento externo a este, uma aporia. Isso pois a visão das condições de possibilidades, no espaço, não encerra uma conclusão de verdade, mas mantém a dúvida. O que é intrínseco à ambiguidade lógica do sofisma proposto por Lacan, e que as “moções suspensas” denunciam, é que o que é significante do processo lógico é a estrutura temporal, e não a espacial; assim não é o que “é visto”, mas “aquilo que não se vê”, pois “a razão de elas – as *moções suspensas* – serem significantes, é constituído não por sua direção, mas por seu *tempo de parada*” (Lacan, 1998, p. 203, ênfase da autora).

Como “parada” entende-se não um estancamento de modo a frear a direção, mas um parar prescrito pela hesitação, ou seja, um movimento temporal em que o instante de hesitar, entre ver e compreender, entre compreender e concluir, faz com que as combinações possíveis propostas pela lógica se coloquem para o sujeito como tempos de possibilidade, num movimento temporal lógico promovido pela ambiguidade, e que exclui noções de probabilidade e tempo cronológico de solução. Portanto, não é a rapidez, nem tampouco a dedução das hipóteses excludentes, mas a determinação lógica dos “tempos de parada”, da espera, que leva a uma asserção antecipada, confirmando que “a verdade do sofisma só vem a ser confirmada por sua presunção” (Lacan, 1998). Assim sendo:

Estas instâncias do tempo dariam a gênese do movimento lógico: cada uma delas se realiza na passagem à seguinte, até que a última as absorve e precipita o sujeito numa asserção sobre si, que é sempre antecipada. . . . Estas operações lógicas constituem os tempos através dos quais, nos hiatos aí produzidos entre um e outro, um sujeito emerge. (Bernardino, 2004, pp. 49-50).

Deste modo, há “tempo” na constituição subjetiva, marca de uma escrita, traço de uma antecipação subjetiva da ordem de um reconhecimento.

A afirmação de Freud sobre a ausência de tempo no inconsciente refere-se à ausência de tempo cronológico, uma referência da impossibilidade de os afetos estarem posicionados segundo uma ordenação de passado, presente e futuro. Há tempo no inconsciente em termos de ordenamento, marcas, de estrutura. Não estruturação segundo uma ordem espaço-temporal, mas uma estrutura que se desvela em um tempo próprio de escansões, ritmos, em modulações de repetição que marca o sujeito em sua posição desejante. Então a maneira como se dá a entrada na linguagem, o encontro com o Outro, fixa-se, cria estruturas e nos constitui como sujeitos, confirmando uma apreensão subjetiva do tempo em relação ao laço social, pois:

o sujeito é aquele que carrega a marca, os estigmas, de uma repetição que permanece para ele não só ambígua como, a rigor, inacessível, até que a experiência analítica, o termo que ela lhe dá, lhe permita nela se nomear, situar, designar como suporte dessa sanção. (Lacan, 2016, p. 422).

Sendo que o inconsciente é social e o sujeito é marcado pela relação com o Outro, numa temporalidade subjetiva que, em ritmos e modulações, diz de sua posição desejante, a psicanálise, enquanto uma clínica de escuta do sofrimento, não se posiciona apenas como uma terapêutica do sujeito, mas como um campo teórico-clínico da relação dele com o mundo – com o laço social e, conseqüentemente, com os sistemas de produção de uma dada época.

Desde que os sistemas de produção capitalistas começaram a se disseminar e a proclamar a necessidade compulsiva do “fazer” e do “agir” como prova de uma “vocalização natural” do homem (Baudrillard, 2014), a relação da subjetividade com a temporalidade vem mudando.

Maria Rita Kehl, em seu livro *O tempo e o cão* (2009), mostra de maneira clara os sinais da rapidez dos tempos modernos em contraste ao tempo de épocas passadas:

O uso do tempo também é sujeito às transformações da cultura; a duração de um dia, por exemplo, desde o amanhecer até o momento do repouso, não era experimentada, no tempo em que “o tempo não contava”, da forma como a experimentamos hoje, quando cada minuto exige uma decisão e promete alguma forma rápida de satisfação. (Kehl, 2009, p. 122).

A urgência, em sua faceta insistente, transborda nos discursos de sujeitos desesperados em cumprir metas, em seguir criteriosamente as dicas para o sucesso profissional, roteiros para um casamento perfeito. Tudo tem que acontecer de modo rápido e eficaz. O tempo de compreender da lógica lacaniana *não encontra tempo* em meio a tanta pressa:

A temporalidade contemporânea, frequentemente vivida como pura pressa, atropela a duração necessária que caracteriza o momento de compreender. (Kehl, 2009, p. 119).

O homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa. (Kehl, 2009, p. 123).

O sofrimento humano psíquico como tal, ou seja, o sofrimento entendido como um excesso, como aquilo que incomoda, como o que perturba e que provoca um mal-estar, é diferente de uma doença mental, – nominada pela psicopatologia geral e pela psiquiatria – esse mal-estar experienciado pelo sujeito como dor que faz com que o sujeito reconheça seu aspecto humano<sup>8</sup>, é da ordem do *páthos*<sup>9</sup>:

O *páthos* como experiência compartilhada pelo sujeito via transferência (Berlinck & Fedida, 2000; Berlinck, 2000) é a base da clínica psicanalítica. Além disso, Freud, em seus estudos sobre o inconsciente, lança a psicanálise numa nova referência que redimensiona o alcance do diagnóstico, rompendo com as concepções anteriores de diagnóstico vinculadas somente a uma clínica do patológico. Isso ocorre ao posicionar o clínico do sofrimento psíquico em relação à narrativa singular, ao mito individual de cada sujeito, à escuta dos desatinos (Foucault, 2003). Ainda, em seus vários textos sociais, Freud sempre valorizou a escuta do sofrimento psíquico em relação a uma deficiência de reconhecimento social, tal qual compreendida por Lacan (Safatle, 2012)<sup>10</sup>. Como bem sintetiza Christian Dunker em seu livro *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica* (2011):

---

<sup>8</sup> La souffrance est une partie intégrante de l'existence humaine. Plus qu'une partie; ele la marque, la situe. La souffrance fait souffrir, et ce n'est point une simple tautologie. Elle fait "mal", et coment! Mais c'est un mal que nous ne saurions comparer à aucun autre. Il relève du "pathos" humain et lui l'homme reconnaît son aspect humain. (Minkowski, 1966, p. 683) . . . A partir de la souffrance humaine, s'ouvre à nous l'aspect 'pathique' (et non pathologique) de l'existence. Ce 'pathique' la traverse même de found em comble, la marque, la rend humaine. (Minkowski, 1966, p. 687)

<sup>9</sup> *Pathos* (*pat(o)-*; *pass-*) tem como antepositivo do latim aceção de sofrer, pacientar, ser paciente ou passivo; suportar, aturar, tolerar; e também do grego *páthos*, no sentido de "Paixão" de Cristo; de 'paixão'; sofrimento (Houaiss, 2002)

<sup>10</sup> Vem de Jacques Lacan a compreensão clínica sistemática de que o sofrimento psíquico está ligado a déficits de reconhecimento social (Safatle, 2012).

A psicanálise é uma clínica, mas uma clínica que submete sua estrutura a seus próprios pressupostos. . . . a psicanálise subverte, na acepção forte do termo, o estatuto dos parâmetros da clínica da qual se originou. Há uma relação de corte e ruptura constitutiva quando se pensa na passagem de uma clínica do olhar para uma clínica da escuta. (Dunker, 2011, p. 440).

A clínica da escuta vai mais além da crítica social e se interessa por acolher o mal-estar difuso, inominado, de aparência adaptada a hiperatividade (Lipovetsky, 2007), à modernidade líquida (Bauman, 2001), e que adoce não pelo excesso de responsabilidade e iniciativa, mas pelo imperativo do desempenho (Han, 2015).

Dany-Robert Dufour em seu livro *A arte de reduzir cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal* (2005) enfatiza que o nosso modo de pensar e viver, ou seja, “o duplo sujeito da modernidade”, o sujeito crítico – kantiano – e o sujeito neurótico – freudiano – (Dufour, 2005) estão sendo destruídos pela rapidez e bom funcionamento do capitalismo. Segundo Dufour, o capitalismo estaria funcionando tão bem que, um dia, ele deveria acabar por... consumir a si mesmo, porém não se consumirá antes de consumir os indivíduos que a ele servem (Dufour, 2005). Esta afirmação de Dufour está em concordância com o que afirmou Lacan na *Conferência de Milão* em 1972 a respeito do capitalismo, que “anda sobre rodinhas, não poderia andar melhor, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma”<sup>11</sup> (Lacan, 1972, tradução livre).

Na lógica capitalista indicada por Lacan em seu seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970), o antigo escravo foi substituído por produtos “consumíveis tanto quanto os outros. Sociedade de consumo, dizem por aí. Material humano” (Lacan, 1992). Assim, destruído o sujeito da modernidade, nasce um sujeito “pós-moderno” que, segundo Dufour, é um sujeito aberto a todas as conexões e livre das neuroses antiprodutivas.

---

<sup>11</sup>. . . ça marche comme sur des roulettes, ça ne peut pas marcher mieux, mais justement ça marche trop vite, ça se consomme, ça se consomme si bien que ça se consume.

Ilusão de uma suposta autonomia, que ressalta o encontro com a falta, com o “não dar conta” – afinal, o tempo numa dada cultura tem marcações cronológicas que guiam a vida em sociedade –, marca um encontro com o impossível, com a impossibilidade de um gozo de completude total, pois o gozo também falta ao Outro:

O gozo está proibido e não somente, como acreditam os imbecis. . . , por um mau arranjo da sociedade. Não é que o Outro não deixa gozar, mas o gozo também falta ao Outro, a completude nada mais é do que um fantasma do neurótico neste tempo espantosamente atormentado por exigências idílicas. (Braunstein, 2007, pp. 99-100).

O súbito caos, ou pesadelo, faz com que o sujeito perceba a necessidade de rapidamente resolver esse mal-estar descontextualizado, e o pedido ao analista é claro, objetivo: desejam se livrar rapidamente de seus sintomas, para continuarem em sua jornada apressada, afinal “*não posso continuar assim, eu não produzo mais como antes!*”.

Dominique Fingerman, em seu texto *O tempo na experiência da psicanálise* (2009), enfatiza que a psicanálise é um método que proporciona uma experiência do tempo na contramão da experiência subjetiva do “tempo que passa”, inflacionada pelos tempos que correm, pois a psicanálise preconiza outro tratamento: dar-se um tempo (Fingermann, 2009).

Assim, o “dar-se um tempo” proposto na experiência psicanalítica não está atrelado ao “esperar que isso passe”, mas em proporcionar uma escuta em que o reconhecimento do sofrimento psíquico, sua singularidade, sua inserção social, (Dunker, 2015; Safatle, 2012), sejam acolhidos em conformidade a realidade social na qual o paciente está inserido, pois “a experiência analítica desenvolve um estilo singular de devir, que possui o seu ritmo próprio, . . . que não pode se reduzir ao esquema de uma progressão linear, nem a uma única fórmula geral de um tempo lógico” (Le poulichet, 1996, p. 8).

A psicanálise se interessa pela singularidade do sujeito e pela transformação das formas de vida com as quais se compromete. Freud, em

1923, enfatiza essa distinção ao indicar a diferença da direção do tratamento no processo curativo:

O procedimento psicanalítico difere de todos os métodos que fazem uso da sugestão, persuasão etc., pelo fato de não procurar suprimir através da autoridade qualquer fenômeno mental que possa ocorrer ao paciente. . . . Na psicanálise, a influência sugestiva que é inevitavelmente exercida pelo médico desvia-se para a missão atribuída ao paciente de sobrepujar suas resistências, isto é, de levar avante o processo curativo. (Freud, 1923/1996, p. 267).

Levar avante o processo curativo é o que Lacan chamou de direção da cura, movida pelo desejo do psicanalista, é o que se denomina ética da psicanálise:

Eis por que a pergunta *do* Outro. . . “*Che vuoi?* Que quer você?”, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo, caso ele se ponha, graças à habilidade de um parceiro chamado psicanalista, a retomá-la mesmo sem saber disso muito bem, no sentido de um “que quer ele de mim?” (Lacan, 1998, p. 829).

Embora a tolerância ao sofrimento se mostre elevada e apresente sintomas muito bem adaptados aos imperativos desses novos tempos, sujeitos acometidos pela pressa chegam aflitos aos consultórios. Há um temor em ser deixado para trás, perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração (Bauman, 2007). Há uma crise psíquica que os empurra para os consultórios psicológicos, pois são sujeitos em sofrimento, que se furtam em reconhecer e nomear seu estado de sofrimento, mas sentem em seus corpos, percebem no cotidiano de suas vidas que algo não vai bem.

### **Considerações finais**

Na experiência clínica da atualidade, nota-se uma emergência em anular intervalos, em suprimir hiatos, numa ânsia por viver um “tempo

útil” em detrimento de uma “experiência do tempo vivido”. O tempo é percebido como algo tão acessível quanto controlável, e sendo o inconsciente uma articulação indefinidamente repetida, o cálculo custo-benefício do tempo útil em relação ao desejo falha, “uma ilustração de que o desejo é inconsciente e faz fracassar o cálculo de custo-benefício” (Goldenberg, 2002).

Ao convocar todos a produzir sem intervalo, os sistemas de produção capitalistas enfatizam uma espécie de apagamento da perda, renunciando ser possível um pacto de infalível eficácia entre otimizar o tempo e uma satisfação plena, como uma proposta irrecusável de eliminação da castração; no entanto, anula-se a falta, apaga-se o desejo. Assim, sujeitos submetidos ao imperativo da pressa não evitam o encontro com o Outro, dissimulam a falta aos olhos do Outro, buscam por sua voracidade, e se “o desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1998; Lacan, 2016), ao que completa Lacan que “é como Outro que ele deseja” (Lacan, 2005; Lacan, 1998), respondem ao “*Che voi*” submetendo-se como oferendas, porém a um alto custo para seus corpos e subjetividade.

O sofrimento vivenciado por sujeitos resignados ao imperativo da pressa pode ser percebido por relações deficitárias com o laço social, e por uma perda de experiência do vivenciado. Esses sujeitos sempre priorizam ganhar tempo; agem e vivenciam com extrema rapidez fatos importantes ou corriqueiros, e evitam ao máximo narrativizar sobre essa perda de experiência: “*vamos ao que interessa*”, “*não vamos perder tempo com isso!*”.

Partindo da hipótese de que a concepção de sujeito e a teorização sobre as relações do sujeito com o laço social constituem o liame norteador da clínica psicanalítica, o presente artigo evidencia ser de extrema importância uma escuta contextualizada do quanto a noção da percepção do tempo e seu “uso” têm afetado a relação do sujeito com o laço social, potencializando uma crise psíquica que tem como consequência o empobrecimento discursivo observado em muitos atendimentos clínicos.

Em muitos casos, esse empobrecimento discursivo acarreta obstáculos à direção do tratamento, demandando do analista um manejo

perseverante de aposta nos tempos subjetivos que escapam ao fluxo de urgência impostos pelos imperativos da atualidade, uma aposta que propicia a abertura a um *tempo de parada*, tempo esse necessário à simbolização da experiência singular do sofrimento.

## Referências

- Baudrillard, J. (2014). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Berlinck, M. T., & Fédida, P. (2000). A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 3(2), pp. 9-25.
- Berlinck, M. T. & Fédida, P. (2000). *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Bernardino, L. M. F. (2004). *As psicoses não-decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Dufour, D. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Anablume.
- Dunker, C. D. L. (2004). Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 4(1), pp. 94-111.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Pulo: Boitempo.
- Fingermann, D. (2009). O tempo na experiência da psicanálise. *Revista USP*, (81), pp. 58-

- Foucault, M. (2003). *História da loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia (A) Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (18). São Paulo: Imago. [1923].
- Freud, S. (1996). Mais além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (18). São Paulo: Imago. [1920].
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (18). São Paulo: Imago. [1915].
- Goldenber, R. (2002). *No círculo cínico, ou, Caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas?*, Rio de Janeiro: Relume Dumará. (versão em Word).
- Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Houaiss, A. (2002). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Versão 1.0.5 [CD-ROM].
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Laca, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2020). Du discours psychanalytique. In: *Conférence à l'université de Milan*, le 12 mai 1972 - Édition La Salamandra. Recuperado de: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psyssem/italie.htm>

Le Poulichet, S. (1996). *O tempo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lipovetsky, G. (2007). *A sociedade da decepção*. Barueri: Manole.

Melman, C. (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço - entrevista por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Minkowski, E. (1996). *Traité de Psychopathologie*. (1<sup>re</sup> éd.). Paris: Presses Universitaires de France.

Minkowski, E. (2013). *Le temps vécu*. *Collection Quadrige* (3<sup>e</sup> éd.). Paris: Presses Universitaires de France.

Pereira, M. E. C. (2000). Minkowski ou a psicopatologia como psicologia do pathos humano. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), pp. 153-155.

Safatle, V. (2012). *Grande Hotel Abismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Tempo. (2004). In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia Tomo IV (Q-Z)*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola.

Vieira, M. M. B. (2012). *A realidade do virtual: a conservação do passado em Bergson*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba. .